

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*)

DIAS (João Sebastião da Silva). — *A política cultural da época de D. João III*. Universidade de Coimbra. Instituto de Estudos Filosóficos. 1969, 1 vol. em 2 tomos; *Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*. Universidade de Coimbra. Seminário de Cultura Portuguesa. 1973. 411 pp.

O professor português J. S. da Silva Dias, com seus dois últimos livros publicados, *A Política Cultural da Época de D. João III* e *Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI*, realiza uma obra verdadeiramente fantástica, um exemplo incomparável da mais alta, da mais pura, da mais perfeita erudição.

Do primeiro livro saiu apenas o primeiro volume, em dois grossos tomos, estudando a problemática cultural da época joanina terceira. É uma obra de grande complexidade arquitetônica, uma interpretação da realidade histórica na sua estrutura e nas suas conexões. O livro estuda o classicismo e o humanismo, todo o contexto ideológico europeu, as letras e a política, as reformas de ensino, preparatório, superior, e a Universidade. a cultura e a ação, os fatores sociológicos e políticos, a reação à conjuntura ideológica do século XVI.

A base é o conhecimento profundo e extenso de todas as fontes, uma bibliografia eruditíssima, as mais importantes obras, os autores clássicos, uma construção metodológica extremamente apurada, uma concepção historiográfica moderna, uma capacidade interpretativa de alta categoria.

Não posso, nos limites deste artigo de duas páginas, tratar adequadamente deste livro e muito menos dos dois, pois o segundo, *Os Descobrimentos*, apesar de menor, apresenta a mesma força intelectual, a mesma exuberância de conhecimentos, a mesma capacidade crítica. Creio firmemente que todas essas páginas foram construídas laboriosamente, e estou certo de que muito aprenderão os que tiverem o prazer de lê-las.

O segundo livro estuda, em sete capítulos, os descobrimentos e a modelação da mente nacional, os descobrimentos e os conteúdos do saber em Portugal, a revolução da experiência, a expansão na balança cultural da Europa, a revolução dos mitos e dos conceitos, os portugueses e o mito do bom selvagem, a frustração cultural da expansão. O Autor quer mostrar que os descobrimentos são apenas um entre os vários fatores que contribuíram para a formação dos rasgos característicos da cultura moderna. Eles são uma obra igual de portugueses e espanhóis, e não devem ser postos em paralelo com o

(*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas obras para a competente resenha bibliográfica (*Nota da Redação*).

humanismo e o surto das belas-artes, pois são fundamentalmente uma explosão de vida, e por isso seu nível específico é o da renascença, com o acréscimo de vitalidade e de espírito ativista.

O Autor estuda os reflexos científicos e culturais dos descobrimentos, desde a visão épica à lamentação ética, as formas das variações mentais e morais, o deslumbramento patriótico, o pessimismo moral, o orgulho do feito nacional, a tendência à exaltação mítica. É uma psico-história do povo lusitano, e nenhum estudioso sério pode ficar indiferente ao conhecimento dos progressos culturais, das influências morais que os descobrimentos provocaram.

O livro revela um conhecimento seguro das idéias filosóficas, teológicas, morais, das ideologias que formam a mentalidade portuguesa da época dos descobrimentos. É importante notar o divórcio entre a filosofia e os descobrimentos, a distância entre os intelectuais oficiais de Coimbra e os intelectuais do descobrimento e da expansão, bem como as pressões e a ressonância que os descobrimentos exerceram no ensino científico e na mente religiosa. Os intelectuais progressistas têm em Luís de Camões, assim como em João de Barros, André de Resende, Diogo de Teive, Damião de Góis, as suas expressões mais notáveis, e o Poeta expõe, no Canto Sétimo de seu poema o contraste entre os portugueses e os outros povos. Não hesito em dizer que a historiografia de língua portuguesa tem, no professor J. S. da Silva, uma das suas expressões mais fortes e mais ricas, e esses seus dois livros representam um monumento incomparável de saber e de capacidade crítica e interpretativa.

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES

* * *

*

RICHE (Pierre). — *La vie quotidienne dans l'Empire Carolingien*. Paris. Hachette. 1973. 380 pp.

Pierre Riché empreendeu uma tarefa difícil: a de tentar reconstituir a vida quotidiana na época carolíngia. Como evocar o quotidiano da vida naquilo que existe de mais humilde, quando não dispomos de uma documentação muito rara e dispersa, essencialmente literária? O Autor começou por colocar o homem no seu quadro geográfico. Como seria esse imenso Império Carolíngio? A simples idéia da diversidade de povos, de línguas e de costumes que o compunham nos deixam pensativos. Como se ia de uma região para outra, se sabemos que as estradas eram raras e as antigas vias romanas eram ainda utilizadas e tidas como feitas pela rainha Brunehaute? Além disso, devemos levar em conta a pobreza da densidade demográfica. O mundo era hostil. Os homens, portanto, se reagrupam em aldeia, cidades monásticas, residências principescas e cidades.